



(<https://focusonthe kingdom.org/>)

Vida Após a Morte: Ressurreição ou o Estado Intermediário?

por *Anthony F. Buzzard*

Título Original (em Inglês):
“*Life After Death: Resurrection or the Intermediate State?*”.

(Publicado em “*A Journal from the Radical Reformation*” (Um Jomal de Reforma Radical), outono de 1996, Vol. 6, No. 1.)

Tradução (Translation):
Fernando Coutinho Sánchez
(ferjosousan@gmail.com)
Osorno - Machalí, Chile,
agosto de 2024

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Corrigida Fiel 2007 (ACF2007). Publicações eletrônicas. — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão entre aspas e em caracteres *ITÁLICOS*.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras línguas estão entre aspas, e em caracteres “*ITÁLICOS*” e/ou transliteradas para o português.



A destruição das ilusões é, sem dúvida, um processo doloroso; contudo, se isto levar a um aprofundamento da nossa compreensão da mensagem apostólica do Novo Testamento, a angústia será mais do que compensada pela alegria da nova descoberta. O leitor é convidado a examinar mais de perto a visão quase universalmente aceita de que a morte para os fiéis significa uma presença imediata com Cristo num reino para além dos céus. É claro que o Novo Testamento está em toda a parte preocupado com a vida para além do túmulo. No entanto, surge uma questão importante: até que ponto as nossas noções tradicionais de ir para o céu após a morte estão alinhadas com a visão do Novo Testamento sobre o nosso futuro.

O “*Ministry of Christian Information*” (Ministério de Informação Cristã) (ativo na Grã-Bretanha), cujo objetivo é fornecer instrução na fé cristã sobre uma grande variedade de temas, aborda este tema num panfleto intitulado “*Life after Death*” (Vida após a Morte). Aqui

encontramos afirmado que “Paulo descreveu a morte como ‘*deixar este corpo, para habitar com o Senhor*’ (2 Coríntios 5:6, 8), e ‘*tendo desejo de partir, e estar com Cristo*’ (Filipenses 1:23, 24). Na morte, o espírito é imediatamente revestido até à ressurreição com um corpo temporário... Na morte, o corpo natural é colocado na sepultura, onde regressa ao pó e permanece até à ressurreição, quando se ressuscita ‘um corpo espiritual’”.

Uma rápida olhada nos versículos oferecidos como textos de prova pode muito bem satisfazer o investigador, desde que uma ou duas questões não sejam levantadas: Por que razão a enorme ênfase em todo o Novo Testamento na ressurreição no regresso de Cristo, se de facto, é a verdadeiro momento de glória alcançado com a morte? Se a ressurreição deve ser genuinamente uma ressurreição “*entre os mortos*” (como o Novo Testamento a descreve), como pode ser também, de acordo com o esquema popular, a concessão de corpos espirituais a espíritos falecidos que já estão vivos? Seria isto realmente uma ressurreição? A ideia tradicional torna-se ainda mais intrigante quando vemos que o verbo do Novo Testamento que descreve o ato de ressuscitar os mortos é a palavra comum para “despertar do sono”. Que significado possível pode ter o “despertar” de espíritos já plenamente conscientes e na posse da visão beatífica?

I. A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

O facto é que o frequentador médio da igreja não tem prestado muita atenção ao assunto. Os especialistas devem saber do que estão a falar. A ideia tradicional é, por isso, adotada incondicionalmente; devem ser encontradas formas para enquadrar isto com o Novo Testamento. A tarefa parece ser facilmente realizada, como demonstra o Ministério de Informação Cristã. Mas a questão persistente permanece: Que significado pode haver num “despertar” (isto é, ressurreição) dos espíritos vivos dos defuntos? E há outras dificuldades, entre elas a surpreendente falta de passagens no Novo Testamento que descrevam qualquer estado atual de consciência dos mortos. Pois embora o Novo Testamento afirme claramente que Jesus “*penetrou nos céus*” (Hebreus 4:14), tal descrição não se aplica a outros que morreram. Estes últimos são constantemente representados como dormindo e permanecendo adormecidos até à ressurreição; e a ressurreição é invariavelmente colocada no futuro, no regresso de Cristo. Não há dúvida de que o que o Apóstolo esperava alcançar era a ressurreição dos mortos, coincidindo com o reaparecimento de Jesus no fim dos tempos:

“... se de alguma maneira posso chegar à ressurreição dentre os mortos..., mas uma coisa faço ... Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus ... Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso...”
(Filipenses 3:11, 13, 14, 20, 21).

Esta passagem contém os três elementos indispensáveis da visão escatológica de Paulo: ressurreição, segunda vinda (“*o Senhor do céu*”) e mudança de estado de mortal para imortal. Em plena concordância com os versículos citados, a grande exposição da ressurreição em 1 Coríntios 15 situa o despertar dos mortos em Cristo na Segunda Vinda e equipara este acontecimento ao momento em que a mortalidade é trocada pela imortalidade:

*“Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão **vivificados** em Cristo. Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, **na sua vinda** ... Assim também a ressurreição **dentre os mortos**. Semeia-se o corpo em corrupção; ressuscitará em incorrupção ... assim como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos*

*também a imagem do celestial ... E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção. Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade... **então** cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória” (1 Coríntios 15:22, 23, 42, 49, 50-54).*

Como, somos forçados a perguntar, pode esta passagem ser conciliada com o conceito popular de que os defuntos já possuem a imortalidade? Não está claramente afirmado que a ressurreição confere a imortalidade? E a ressurreição localiza-se, indiscutivelmente, “na Sua Vinda”, “ao soar da última trombeta”. É então que os mortos serão “ressuscitados”, isto é, “despertados”, “vivificados”. Não é claro, sem sombra de dúvida, que os mortos devem permanecer na sepultura até serem “ressuscitados” da mesma? Não há aqui qualquer sugestão de que a ressurreição signifique a reunião de um espírito já consciente com o seu corpo. Estamos perante uma contradição irreconciliável, se os mortos já ressuscitaram. Pois afirma-se muito especificamente que *serão vivificados “na Sua vinda” (versículo 23)*.

Em *1 Tessalonicenses 4*, surgiu na mente dos crentes a questão sobre qual seria o destino daqueles cristãos que morreram antes do esperado regresso de Jesus. Ora, Paulo poderia facilmente ter removido toda a ansiedade, salientando que os mortos “em Cristo” já estavam felizes com Cristo, tendo passado pela sepultura na morte e passado para a sua recompensa no céu. É sabido que ele não diz nada disto; antes, reforça a certeza de que na vinda de Jesus, os mortos em Cristo, os que “*dormem*” (versículo 14), serão ressuscitados e unidos com aqueles que sobreviverem até ao grande dia. O antídoto para o desespero era a perspectiva da ressurreição no futuro regresso de Cristo, e não a consciência dos mortos noutra lugar, de cujo “estado intermédio” Paulo não diz uma palavra. É apenas através da ressurreição que os mortos alcançam o objetivo de estar “*sempre com o Senhor*” (*1 Tessalonicenses 4:17*).

Tal é a nossa relutância em questionar o esquema aceite que não levamos a sério os comentários dos estudiosos do Novo Testamento que, embora não estejam interessados naquilo em que escolhemos acreditar, deixam bem claro que os escritores do Novo Testamento depositaram nele toda a sua esperança. A questão importante é se não tentamos “acelerar” atribuindo a imortalidade aos espíritos que partiram, independentemente da ressurreição. Para o fazer, devemos começar com a suposição de um estado intermédio de consciência para os mortos, entre a morte e a ressurreição, e depois “encontrá-lo” no Novo Testamento. Um método mais científico seria começar com a mente aberta e testar a hipótese recebida com as Escrituras. O objetivo deste artigo é sugerir que tal escrutínio mostrará que o ensino recebido é erróneo. Não pode reivindicar uma base no cristianismo apostólico.

Existem duas passagens no Novo Testamento que supostamente fornecem provas sólidas da crença de Paulo de que os falecidos estavam imediatamente “com Cristo”. Mas antes de os examinarmos, tomemos nota das observações de *J.A.T. Robinson* em *1 Coríntios 15* (citado acima), o capítulo da ressurreição. As suas observações sugerem que tem havido algum “jogo sujo” nesta questão de tentar conciliar a nossa crença popular com os ensinamentos de Paulo. Este facto deveria levantar as nossas suspeitas, pois é claro que, se a opinião popular não concorda com as

Escrituras, deveríamos esperar precisamente tal evidência de tratamento injusto do Novo Testamento. *J.A.T. Robinson* diz:

A leitura de 1 Coríntios nos funerais reforça a impressão de que este capítulo trata do momento da morte; na verdade, gira em torno de dois pontos: o terceiro dia (ressurreição de Cristo) e o último dia ... A era moderna tenta aplicar a linguagem de Paulo a uma única ressurreição que é considerada imediatamente após a morte. [1]

Estes factos são suficientes para mostrar que esta passagem central não recebeu o significado adequado; foi forçada a apoiar uma ideia desconhecida para Pablo.

Há evidências de um mau uso semelhante noutra secção das Escrituras que é geralmente citada em apoio da opinião popular. *J.A.T. Robinson* tem isto a dizer:

É a 2 Coríntios 5:1-8 que a visão moderna, se se refere às Escrituras, apela: “Desejamos deixar este corpo, para habitar com o Senhor”. Isto é comumente interpretado como significando que, em clara oposição a 1 Coríntios 15, o nosso corpo espiritual está à espera que o revestamos no momento da morte. [2]

Noutro lugar, *Robinson* fala do

notável transformação que se verificou na escatologia cristã quase assim que a tinta do Novo Testamento secou. E afeta o centro de interesse ou ponto central de todo o tema. O interesse do homem moderno pela escatologia cristã centra-se no facto e no momento da morte ... Mas é surpreendente perceber *quão estranha é esta perspectiva que tomamos como certa* em relação a todo o quadro do Novo Testamento *em que supostamente se baseia* o cristianismo. Pois no Novo Testamento o ponto em torno do qual giram a esperança e o interesse não é o momento da morte, mas o dia do aparecimento de Cristo na glória do Seu Reino. [3]

Esta análise feita por um importante estudioso do Novo Testamento fornece-nos a chave necessária para desvendar a intrigante discrepância entre os factos reais do Novo Testamento em relação à vida após a morte e o pensamento tradicional sobre este assunto. A verdade é que o nosso esquema representa uma “notável transformação” do plano do Novo Testamento. O nosso ponto de vista é bastante “alienígena” ao Novo Testamento, no qual o Cristianismo é “supostamente baseado”. A única atitude prudente é enfrentar o facto desagradável de que a fé cristã sofreu uma mudança radical. Parece que os ensinamentos dos apóstolos foram mal utilizados num esforço para justificar uma visão de escatologia desconhecida pelos escritores do Novo Testamento. O momento importantíssimo da vinda do Reino de Cristo no Seu regresso foi substituído no nosso pensamento pelo momento da morte do indivíduo. Portanto, a nossa compreensão deste assunto não é reconhecidamente cristã pelos padrões do Novo Testamento e numa questão tão central para a fé. A história mostra, no entanto, que em vez de admitirmos isto, persistimos na ilusão de que um compromisso satisfatório pode ser alcançado entre o Cristianismo original e o seu desenvolvimento num estado transformado. Aparentemente não estamos dispostos a perturbar a nossa própria tradição, embora desejemos desfrutar do conforto da crença de que a nossa fé se baseia no ensino apostólico. No entanto, o compromisso só pode ser alcançado através de uma mudança subtil de linguagem. Porque o Novo Testamento fala apenas da ressurreição dos *mortos*, que serão ressuscitados quando Cristo voltar. Falamos – e os credos refletem isso – da ressurreição do *corpo*, abrindo assim caminho para a inserção da crença de que a pessoa atual consciente na forma de uma alma ou espírito desencarnado [4] já foi para a sua recompensa em céu, enquanto o seu corpo aguarda apenas a ressurreição. Por conseguinte, tentamos reservar pelo menos algum significado para a futura ressurreição corporativa, tão claramente ensinada no Novo Testamento,

sustentando que se trata de *uma ressurreição apenas de corpos, em oposição a pessoas reais*. A questão crucial é saber se o Novo Testamento apoia tal distinção entre o corpo e uma “alma” ou “espírito” separável e plenamente consciente. O estudante de história saberá que os hebreus nada sabiam sobre a doutrina da inata “imortalidade da alma”, que deve a sua origem aos gregos.

O resultado inevitável da nova “reviravolta” dada à escatologia é, evidentemente, deslocar o foco de interesse da futura ressurreição para o momento da morte e, conseqüentemente – e isto é muito significativo – do grande acontecimento que o Novo Testamento associa por toda a parte à futura ressurreição, a Segunda Vinda e o estabelecimento do Reino de Deus na terra. É evidente que o que nos interessa é o que acontece à pessoa consciente depois da morte, e não o que acontece ao seu corpo. O sistema transformado, seguindo o exemplo das ideias platônicas estrangeiras, introduziu na fé original o estranho (para os hebreus) conceito da imortalidade da alma. Tornaram-se então disponíveis possibilidades de colocar a “alma do falecido” em êxtase consciente imediatamente após a morte. Toda a ideia de ressurreição em um momento posterior torna-se então bastante secundária, se não totalmente desnecessária. Nenhum golpe mais fatal poderia ter sido desferido em todo o esquema escatológico bíblico.

A tarefa de tentar ler o sistema popular nos escritos do Novo Testamento envolve um tratamento questionável das duas ou três passagens com maior probabilidade de se conformarem com a crença tradicional. Se estes versículos não conseguirem suportar o peso que lhes é colocado, talvez tenhamos de admitir que aquilo em que temos acreditado não é fiel ao Novo Testamento. Perante esta possibilidade, os estudiosos da escola “desmistificadora” afirmam que um sistema escatológico é tão bom como outro. São todos “mitos” e, quer se encontrem dentro ou fora do Novo Testamento, não oferecem qualquer declaração divinamente autorizada sobre o que realmente nos acontece após a morte. Contudo, para aqueles que estão convencidos de que a visão de Paulo deve a sua origem (como ele mesmo afirma) ao Espírito de Jesus, tal fuga ao agnosticismo não é nada satisfatória; e neste ponto não temos outra alternativa senão abandonar a visão tradicional em favor do ensino original conservado no Novo Testamento. A história da Igreja mostra que houve uma minoria séria de muitas tendências denominacionais que seguiram este caminho, enquanto a corrente principal persistiu nas suas tradições. [5] Cada crente individual enfrenta o desafio de escolher a fé apostólica em detrimento das tradições posteriores.

II. *FILIPENSES 1:23 e 2 CORÍNTIOS 5:8*

A justificação para a opinião quase universal de que o Cristianismo ensina que os mortos estão conscientes de Deus no momento da morte é comumente baseada em *Filipenses 1:23*. Aqui Paulo encontra-se dividido entre o seu desejo de permanecer com os crentes e o seu desejo de “partir, e estar com Cristo”. A confirmação disto é procurada em *2 Coríntios 5*. Aí Paulo expressa o desejo de “*deixar este corpo, para habitar com o Senhor*” (*2 Coríntios 5:8*). Isolados do seu contexto imediato e do contexto mais amplo do Antigo e do Novo Testamento no seu conjunto, não há dúvida de que estes versículos podem reforçar a visão popular. Um olhar mais atento mostrará em que terreno movediço assenta toda a tentativa. É inegável, como vimos, que o Novo Testamento tende em toda a parte para a Segunda Vinda de Cristo e para a ressurreição dos fiéis, que se situa consistentemente nesse Grande Dia, como a ressurreição coletiva de todos os santos. Paulo tem um sistema de ressurreição preciso e simples: “*todos serão vivificados em Cristo... Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda*” (*1 Coríntios 15:22, 23*). Em *1 Tessalonicenses 4*, oferece conforto aos crentes em relação aos cristãos que dizem estar a “dormir”,

um termo extraordinário para usar se se pensasse que já estavam plenamente conscientes e bem-aventurados com o Senhor. Não há necessidade de os cristãos sobreviventes se lamentarem, pois todos serão reunidos na futura ressurreição. Numa situação semelhante hoje, a Igreja provavelmente consolar-se-ia com as afirmações de que os mortos já estavam vivos junto de Deus. O facto de Paulo não dizer nada disto demonstra o abismo entre os dois sistemas. Para o fiel contemporâneo, a futura ressurreição pode ser, na melhor das hipóteses, apenas uma reflexão tardia, pois tudo o que é realmente decisivo, segundo ele, já aconteceu no momento da morte.

O que dizer então da declaração de Paulo em *Filipenses 1:23* sobre partir para estar com Cristo? Se este único versículo for lido sem referência a *1 Coríntios 15*; A partir de *1 Tessalonicenses 4* e dos seus comentários posteriores na mesma carta (*Filipenses 3:11-21*), seria possível ter a impressão de que Paulo esperava estar com Cristo imediatamente após a sua morte. Mas isso seria contradizer todo o seu pensamento, tal como o encontramos explicado, de forma muito mais completa, nas outras passagens. Felizmente, o que Paulo realmente procurava torna-se claro mais à frente na mesma epístola: “... *para ver se de alguma maneira posso chegar à ressurreição dentre os mortos... também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo [do céu]. Que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso*” (*Filipenses 3:11, 20*). Não há dúvida de que vê como meta a realização da ressurreição no regresso de Cristo. Portanto, seria injusto ler os seus comentários sobre deixar para estar com Cristo como relacionados com uma aspiração muito diferente, que *não* envolve a ressurreição e, portanto, muito diferente do seu desejo para o Último Dia. A crença popular implica que um cristão pode estar vivo com Cristo, *independentemente* da ressurreição. Isto significará que a morte não é a morte em nenhum sentido real, mas sim a continuação da vida noutra reino. Isto mina seriamente o conceito de ressurreição como um verdadeiro regresso *dos mortos*. Portanto, Paulo deve implicar uma partida para estar com Cristo através da morte e subsequente ressurreição. A sequência exata do tempo não é detalhada neste único versículo; deve vir do relato mais completo que dá noutra lugar. Paulo ignora o intervalo entre a morte e a ressurreição.

Se considerarmos agora a sua declaração sobre “*deixar este corpo, para habitar com o Senhor*”, descobriremos que ela também é colocada num contexto que, devido à sua notável semelhança com *1 Coríntios 15* (escrito apenas um ano antes), também deve referir-se à ressurreição futura, e não a um estado intermédio imediatamente após a morte. Isto pode ser visto claramente na declaração geral com a qual Paulo introduz o seu relato da esperança cristã de alcançar um “corpo espiritual”: “Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco ... *Por isso não desfalecemos*” (*2 Coríntios 4:14, 16*). Estes comentários deveriam alertar-nos contra a tentativa de ler no seguinte relato de Paulo ideias sobre um estado futuro divorciado da ressurreição. Existem três pontos claros de contacto entre *2 Coríntios 5* e *1 Coríntios 15* e, quando são apontados, será impossível sustentar que Paulo está a lidar com dois “terminais” diferentes. A primeira característica comum a ambas as passagens é a noção de estarmos “revestidos de imortalidade”: “*E por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu... não porque queremos ser despídos (isto é, incorpóreos), mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida*” (*2 Coríntios 5:2, 4*). Exatamente o mesmo ponto é apresentado em *1 Coríntios 15*: “*Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade ... então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória*” (*1 Coríntios 15:53, 54*).

Em segundo lugar, ambas as passagens têm em comum a aparição do Senhor, ou a salvação do céu:

Segunda Coríntios 5:2: “*desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu*”.

Primeira de Coríntios 15:47: “*o segundo homem, o Senhor [que vem], é do céu*”.

Primeira de Coríntios 15:23: “*os que são de Cristo [serão ressuscitados] na Sua Vinda*”.

A terceira ideia unificadora é a referência de Paulo à substituição da mortalidade pela imortalidade:

Segunda Coríntios 5:4: “*mas revestidos, para que o mortal seja **absorvido** pela vida*”.

Primeira de Coríntios 15:54: “*e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprirse-á a palavra que está escrita: **Tragada** foi a morte na vitória*”.

Estes pontos de contacto excluem certamente qualquer possibilidade de Paulo ter em mente dois acontecimentos completamente diferentes, especialmente tendo em conta o facto de estar a escrever às mesmas pessoas e num curto espaço de tempo. Tomar 2 Coríntios 5 como referência ao momento da morte, no sentido em que cada indivíduo recebe a imortalidade independentemente na morte é, como J.A.T. Robinson diz que lê a passagem “em clara oposição a 1 Coríntios 15”. [6] Chegou certamente o momento de deixar de fazer Paulo contradizer-se e de reconhecer a notável consistência que se estende ao longo dos seus escritos sobre esta questão central da vida após a morte.

Podemos demonstrar melhor o nosso ponto de vista compilando cinco passagens relevantes numa versão composta. Ficará claro que Paulo procurava um único objetivo, o da ressurreição de todos os fiéis na vinda de Cristo. Só esse momento é decisivo para todos os escritores do Novo Testamento. Paulo pode falar por si próprio da seguinte forma (o **negrito** chama a atenção para a unidade do seu pensamento). A base da esperança de Paulo para o futuro é exposta em 2 Coríntios 4:13-5:2:

*E temos, portanto, o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus **nos ressuscitará** também por Jesus, e nos apresentará convosco ... Por isso não desfalecemos ... Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas. [7] **PORQUE** sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa [próxima] não feita por mãos, eterna, nos céus, nos céus. E por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu (2 Coríntios 5:2, 3). Mas a nossa cidade **está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo** (Filipenses 3:20). o segundo homem, o Senhor, é do céu (1 Coríntios 15:47). Também **gememos** dentro de nós mesmos, esperando a adoção, a redenção do nosso corpo... Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada. Porque a ardente expectativa da criatura espera a **manifestação** dos filhos de Deus (Romanos 8:18, 19, 23). se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados (Romanos 8:17). Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos **manifestareis** com ele em glória (Colossenses 3:4). Se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus... não porque queremos ser despidos, **mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida** (2 Coríntios 5:3, 4). Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta (1 Coríntios 15:51). assim também todos serão vivificados em Cristo... depois os que são de Cristo na sua vinda (1 Coríntios 15:21, 23). porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é*

*corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade (1 Coríntios 15:52-54). Por isso estamos sempre de bom ânimo, sabendo que, enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor ..., mas temos confiança e desejamos antes deixar este corpo, para **habitar com o Senhor** (2 Coríntios 5:6-8) ... para juntamente morrer e viver (2 Coríntios 7:3). Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim **estaremos sempre com o Senhor** (1 Tessalonicenses 4:16, 17). Tenho desejo de partir e estar com Cristo (Filipenses 1:23). Para ver se de alguma maneira posso chegar **à ressurreição dentre os mortos** (Filipenses 3:11).*

III. UM REGRESSO AO ESBOÇO DO NOVO TESTAMENTO

A restauração do esquema bíblico resolverá as tensões injustificadas que foram criadas pelos nossos esforços para sobrepor a crença tradicional às Escrituras. Em primeiro lugar, a ressurreição significará uma verdadeira transição dos mortos da morte para a vida, e este grande acontecimento futuro recuperará a sua posição central no pensamento cristão. Em segundo lugar, o indivíduo será concebido como uma unidade indivisível, e não como uma alma privada do seu corpo na morte. Desta forma, a confusão introduzida pelas noções gregas da alma que parte pode ser eliminada da perspectiva cristã contemporânea. Em terceiro lugar, a intensidade do entusiasmo pelo regresso de Cristo, partilhada por todos os escritores do Novo Testamento, será restaurada. A ênfase tradicional no momento da morte, que é de pouca importância para os escritores do Novo Testamento, dissipou com muito sucesso esta intensidade de expectativa, pelo que a visão cristã do futuro é praticamente desconhecida em muitos círculos eclesiais. Finalmente, não haverá necessidade de distorcer versículos isolados do Novo Testamento para os tornar conformes a uma tradição não bíblica.

Admitindo que o simples esquema de “sono” seguido de “despertar” na ressurreição, tal como descrito acima, explica de forma mais satisfatória os dados bíblicos (além de ser apoiado por evidências da história da igreja primitiva), é justo perguntar por que razão *Filipenses 1:23*, tomado isoladamente, parece fornecer algum apoio para a noção de uma presença imediata com Cristo. O problema resolve-se facilmente se se compreender que para quem adormece na morte a passagem do tempo não tem qualquer importância. O crente que desperta na ressurreição não terá sentido o intervalo entre a morte e a ressurreição. [8] Mas isto é muito diferente de dizer que não decorre realmente nenhum tempo entre a morte e a ressurreição. O Novo Testamento está em toda a parte comprometido com a crença de que os acontecimentos escatológicos estão firmemente enraizados na história futura e que o tempo continuará até (e depois) do regresso de Cristo e da ressurreição dos fiéis. A tendência atual para remover todos os grandes acontecimentos do Cristianismo da esfera da história real está a causar estragos na fé original dos apóstolos. Portanto, há ainda mais razões para proteger os simples ensinamentos escatológicos do Novo Testamento contra toda a desmistificação.

IV. TESTEMUNHO CORROBORATIVO

Em apoio da nossa tese, anexamos as seguintes observações de estudiosos da teologia bíblica.

Os escritores da Bíblia, agarrados à convicção de que a ordem criada deve a sua existência à sabedoria e ao amor de Deus e é, por isso, essencialmente boa, não podiam conceber a vida depois da morte como uma existência desencarnada (“*não formos achados nus*” – 2 Coríntios

5:3), mas como uma renovação sob novas condições da unidade íntima de corpo e alma que era a vida humana tal como eles a conheciam. Por isso, pensava-se que a morte era *a morte de todo o homem*, e frases como “*liberdade da morte*”, imperecível ou imortalidade só poderia ser usado adequadamente para descrever o que significa a frase Deus eterno ou vivo “*quele que tem, ele só, a imortalidade*” (1 Timóteo 6:16). O homem não possui dentro de si a qualidade da imortalidade, mas deve, se quiser vencer o poder destrutivo da morte, recebê-la como dom de Deus “*que ressuscitou Cristo dentre os mortos*”, e deixar a morte de lado como um manto. que o cobre (1 Coríntios 15:53, 54). É através da morte e ressurreição de Jesus Cristo que esta possibilidade para o homem (2 Timóteo 1:10) foi trazida à vida e a esperança de que a corrupção foi confirmada (Romanos 11:7), que é uma característica universal da vida humana, será superar eficazmente. [9]

A esperança da igreja primitiva centrava-se na ressurreição do Último Dia. É isto que *primeiro* chama os mortos para a vida eterna (1 Coríntios 15, Filipenses 3:20 e seguintes). Esta ressurreição *acontece ao homem e não apenas ao corpo*. Paulo fala da ressurreição não “da carne”, mas “dos mortos”. Esta compreensão da ressurreição compreende implicitamente que *a morte também afeta o homem inteiro... Assim, os conceitos bíblicos originais foram substituídos por ideias do dualismo gnóstico helenístico*. A ideia neotestamentária da ressurreição que afeta todo o homem teve de dar lugar à imortalidade da alma. O último dia também perde o seu sentido, porque muito antes as almas receberam tudo o que é decisivamente importante. A tensão escatológica já não está fortemente dirigida para o dia da vinda de Jesus. *A diferença entre isto e a esperança do Novo Testamento é muito grande*. [10]

O mais próximo na nossa experiência quotidiana da ideia judaica e cristã primitiva de morte e ressurreição é adormecer e acordar; e é um facto muito significativo que a primeira referência inequívoca à ressurreição dos mortos no Antigo Testamento seja feita em termos de adormecer e acordar: “*E muitos dos que dormem no pó da terra despertarão, alguns para a eternidade. e desprezo eterno*”. E da mesma forma, quando não há expectativa de ressurreição, a forma natural de a exprimir é em função de um sonho do qual não há despertar: “*O homem deita-se e não se levanta; até que os céus existam, não despertarão nem surgirão*”. Acordarão do seu sono.

Ora, uma das maravilhas permanentes da vida é precisamente o facto de que, quando saio do esquecimento numa qualquer bela manhã, me apercebo imediatamente de que sou a mesma pessoa que viveu ontem em minha casa e que foi lá dormir ontem à noite. A tarefa que ontem deixei inacabada ainda está lá, ainda é a minha tarefa e posso continuar de onde parei. Os planos que estava a fazer ontem ainda aguardam mais ponderação e elaboração. Esta continuidade de personalidade e de vida é uma grande maravilha; e é apenas a excessiva familiaridade com ele que nos esconde a sua admiração. Quando tentamos pensar sobre a morte e a ressurreição, como os primeiros cristãos pensavam sobre elas, não podemos fazer melhor do que pensar em termos de dormir e acordar. [11]

É importante que compreendamos claramente o que os cristãos entendem por ressurreição dos mortos. Não nos estamos a referir à mera sobrevivência da alma. Esta é uma noção pagã, e a Bíblia não tem praticamente nada a dizer sobre as almas dos homens, fora dos seus corpos. [12]

A doutrina cristã da vida após a morte... é uma doutrina da ressurreição. Na ressurreição, o homem recupera a vida que tinha perdido. Emerge do nada... A morte para um cristão não significa uma mudança de um modo de ser para outro, mas a própria destruição da vida, a deriva do ser para o não-ser. Todos os pensadores cristãos tentaram fugir a esta noção de morte

como a destruição total da vida. Quando o conseguem, a noção de ressurreição não significa quase nada. [13]

Os homens especularam assim: na morte, a alma separa-se do corpo. Aparece então diante de Deus num julgamento preliminar (não mencionado em lado nenhum das Escrituras) e entra num estado preliminar de bênção ou condenação. Então, quando a última trombeta soar, o corpo é ressuscitado e reunido com a alma, e inteiros mais uma vez, o corpo e a alma reunidos aparecem para a cena final do julgamento público, para daí entrar na bem-aventurança final ou na condenação final. *Não é de estranhar que, deste ponto de vista, os homens tenham dado pouca utilidade à ressurreição e tenham finalmente abandonado totalmente a noção e se tenham contentado apenas com a redenção da alma.*

Morrer significa então passar à ressurreição e ao juízo *no fim dos tempos*. [14] Mesmo que alguém dissesse que todos os homens dormem até soar a última trombeta, qual é a passagem do tempo para os que dormem? *A transição do momento da morte para a ressurreição seria ainda instantânea para eles.* Não seria diferente de deitar-se à noite e acordar de manhã. [15]

Por mais estranho que isto possa parecer a alguns ouvidos, a Bíblia nada sabe sobre a imortalidade da alma separável do corpo. Ele só conhece a ressurreição do homem total dos mortos.

O homem na Bíblia é uma unidade psicossomática e, como tal, passa da morte à ressurreição e do juízo à realização, da fé, através da morte e da ressurreição, à visão. Isto torna absolutamente inútil qualquer especulação sobre o lugar dos espíritos que partiram. [16]

O facto de o cristianismo posterior ter estabelecido uma ligação entre ambas as crenças [a expectativa cristã da ressurreição dos mortos e a crença grega na imortalidade da alma] e de hoje o cristão comum simplesmente as confundir, não me convenceu a permanecer calado. sobre o que eu, como a maioria dos exegetas, considero verdadeiro; e tanto mais que o vínculo que se estabelece entre a expectativa da “ressurreição dos mortos” e a crença na “imortalidade da alma” não é propriamente um vínculo, mas a renúncia de uma em favor da outra. *I Coríntios 15* foi sacrificado pelo “*Phaedo*”. Não adianta esconder este facto, como muitas vezes se faz hoje em dia, quando coisas que são realmente incompatíveis são combinadas com o seguinte tipo de raciocínio simplificado: que tudo nos primeiros ensinamentos cristãos nos parece inconciliável com a imortalidade da alma. A ressurreição do corpo não é uma afirmação essencial para os primeiros cristãos, mas simplesmente uma acomodação às expressões mitológicas do pensamento do seu tempo, e no centro da questão está a imortalidade da alma. Pelo contrário, devemos reconhecer lealmente que precisamente aquelas coisas que distinguem o ensino cristão da crença grega estão no cerne do cristianismo primitivo. [17]

Notas Finales

[1] “*In the End God*” (Ao Final Deus), Collins, Fontana Books, 1968, 105, *ênfases nosso*.

[2] *Ibid.*, 106.

[3] *Ibid.*, 42, *ênfases nosso*.

[4] O “*Christian Information Ministry*” (Ministério da Informação Cristã) tenta evitar a noção de desencarnação no estado intermédio postulando a ideia (não bíblica) de um “corpo temporal”.

[5] A história da “*Conditional Immortality*” (Imortalidade Condicional) é admiravelmente documentada por L.E. Froom, “*The Conditionalist Faith of Our Fathers*” (A fé condicionalista dos nossos pais), Washington, D.C.: Review and Herald, 1965. Um estudo recente sobre o assunto aparece em “*Daring to Differ*”

- Adventures” (Daring to Differ Adventures), em “*Conditional Immortality*” ((Inmortalidad Condicional)), de *Sidney Hatch*, Brief Bible Studies, 1991.
- [6] “*In the End God*” (Ao Final Deus), 106.
- [7] O adjetivo “aionios” é utilizado pelos escritores do Novo Testamento como um termo técnico para descrever as realidades da era messiânica que se aproxima. Comparar, *Nigel Turner*, “*Christian Words*” (Palavras cristãs), T & T Clark, 1980, 455-457.
- [8] Consulte, *F.F. Bruce* em “*Paul: Apostle of the Heart Set Free*” (Pablo: Apóstolo do coração libertado), Eerdmans, 1977, 312, n. 40: “A tensão criada pelo intervalo postulado entre a morte e a ressurreição poderia ser aliviada hoje sugerindo que na consciência do crente que partiu não há intervalo entre a dissolução e a investidura, por mais longo que possa ser medido pelo calendário da história humana terrena”. Isto é exatamente o que os crentes na imortalidade condicional sempre propuseram.
- [9] *Alan Richardson*, ed., “*A Theological Wordbook of the New Testament*” (Um Manual Teológico do Novo Testamento), London: SCM Press, 111, 112, ênfases nosso.
- [10] *Paul Althaus*, “*The Theology of Martin Luther*” (A Teologia de Martín Lutero), 413, 414, ênfases nosso.
- [11] *T.W. Manson*, “*The Servant-Messiah*” (O Messias Servo), Cambridge: University Press, 1953, 90 e segs.
- [12] *H.M. Cundy*, citado de correspondência in *Froom*, “*The Conditionalist Faith of Our Fathers*” (A fé condicionalista dos nossos pais), Vol. 2, 821
- [13] *Seiichi Hatano*, citado por *C. Michalson*, “*Japanese Contributions to Christian Theology*” (Contribuições japonesas para a teologia cristã), Philadelphia: Westminster Press, 1960, 123.
- [14] De facto, o Novo Testamento não espera que o tempo termine com a ressurreição. Ele aguarda com expectativa a nova era do Reino de Deus na terra.
- [15] *M.J. Heineken*, “*Basic Christian Teachings*” (Ensinos Cristãos básicos), Philadelphia: The Muhlenberg Press, 1949, 135, 136.
- [16] *M.J. Heineken*, “*God in the Space Age*” (Deus na Era Espacial), The John C. Winston Co., 1959, 113.
- [17] *Oscar Cullmann*, “*Immortality of the Soul or Resurrection of the Dead?*” (Imortalidade da alma ou ressurreição dos mortos?) London: The Epworth Press, 1958, 5-6.